

A presença do latim no cemitério da Santa Casa de Caridade (Bagé, RS)

The Presence of Latin in the Santa Casa de Caridade Cemetery (Bagé, RS)

Dienifer Feijó Vieira¹ 

Taíse Simioni² 

Evellyne Patricia Figueiredo de Sousa Costa³ 

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

²Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, Brasil.

³Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

E-mails: dieniferfvieira94@gmail.com; taíse.simioni@unifal-mg.edu.br; evellyne.costa@gmail.com

Resumo

Os cemitérios guardam parte de nosso Patrimônio Cultural, sendo um lugar de rememoração na tentativa de imortalizar o morto. No Cemitério da Santa Casa de Caridade (Bagé, RS), há diversos túmulos, com suas arquiteturas, alegorias, diferentes línguas e esculturas, que traduzem um universo de representações socioculturais. Entre tais línguas, está o latim. A motivação desta pesquisa se deu pela carência de trabalhos deste escopo e pela relevância de se observar a presença do latim nos dias atuais. Assim, o presente trabalho visa a observar as regiões do cemitério onde o latim está presente, a nacionalidade e a condição socioeconômica dos enterrados, a arte e arquitetura funerária e os elementos de religiosidade presentes nos túmulos. A pesquisa é qualitativa, bibliográfica e de campo. Foram feitas visitas ao cemitério, nas quais foram feitos registros fotográficos. Dos 27 túmulos com inscrições em latim, 23 estão na parte mais antiga, que contém edificações luxuosas e acadêmicas. A maioria deles são de baixa elevação, de estilo *art déco*, de arquitetura acadêmica e pertencem

Editores-chefes

Marcus Dores
Célia Lopes

Recebido: 28/07/2023

Aceito: 09/11/2023

Como citar:

VIEIRA, D. F.; SIMIONI, T.; COSTA, E. P. F. S. A presença do latim no cemitério da Santa Casa de Caridade. Revista LaborHistórico, v.10, n.2, e59952, 2024. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v10i2.59952>

a famílias portuguesas e espanholas de fé cristã. O latim, portanto, predomina nos túmulos das famílias de ascendência europeia, cristãs e de maior poder aquisitivo. Isso provavelmente ocorre pelo acesso maior à informação e às artes, pelo apreço a estilos eruditos europeus, pela tradição do emprego do latim na Igreja Católica, de maneira a reafirmar a fé cristã da família, e pelo desejo de perpetuar o *status* socioeconômico com túmulos suntuosos e com distinção ao mostrar uma aparência de conhecimento de latim.

Palavras-Chave

Latim. Cemitério. Arte tumular. Arquitetura funerária. Religião.

Abstract

Cemeteries keep part of our Cultural Heritage, being a place of remembrance in an attempt to immortalize the dead. Several tombs at the Santa Casa de Caridade Cemetery (Bagé, RS, Brazil) translate a universe of sociocultural representations, with their architectures, allegories, languages, and sculptures. Among these languages is Latin. The motivation for this research is due to the lack of works of this kind and the relevance of observing the presence of Latin today. The present work aims to observe the cemetery sections where Latin is present, the deceased's nationality and socioeconomic condition, the funerary art, and the religious elements present in the tombs. This work was concluded through qualitative, literary, and field research. Through field visits to the cemetery, photographs were collected. Of the 27 tombs with Latin scriptures, 23 are in the oldest section, which contains luxurious and academic buildings. Most are of low elevation, built in art déco style with academic architecture, and belong to Christian Portuguese and Spanish families. Therefore Latin is predominantly used on the tombs of families of European descent, Christians, and of higher socioeconomic standing. This use of Latin on the tombstones is probably due to the greater access to information and the arts, the appreciation for European erudite styles, the tradition of Latin's use in the Catholic Church to reaffirm the Christian faith of the family, and as a desire of perpetuating the families' socioeconomic status with sumptuous tombs, distinguishing them by demonstrating a supposed knowledge of Latin.

Keywords

Latin. Cemetery. Tomb art. Funerary architecture. Religion.

Introdução

Em todas as sociedades de que se tem conhecimento, sempre houve a preocupação de sepultar seus mortos, diferenciando-se apenas quanto aos seus ritos. De acordo com Catroga (2002),

a civilização ocidental, desde seus primórdios, buscou escamotear a morte e os discursos tanatológicos serão sempre dos (e sobre) os vivos. O horror sobre as consequências do estar morto tem gerado ritos, principalmente da prática libertadora da presença do cadáver, na busca de um sentido e alívio para essa ruptura (Catroga, 2002, p. 13).

Há, ao longo da história, a produção de elementos fúnebres para expressar os sentimentos da sociedade diante da morte, bem como para ajudá-la a sobreviver, a comunicar-se, a perpetuar a memória e a identidade do enterrado, a apresentar sua visão do momento histórico em que esses elementos foram elaborados e, ao mesmo tempo, afirmar valores sociais e culturais daqueles que são homenageados por meio da tumba que lhes é dedicada. Como explica Catroga (2002), os signos tumulares têm a função de tornar presente o ausente, de forma a permitir uma recordação eterna.

Os cemitérios guardam uma parte de nosso Patrimônio Cultural e, por isso, podem ser considerados verdadeiros museus a céu aberto, bem como um lugar de rememoração e de uma tentativa de imortalizar o morto. A necrópole armazena a memória pública, étnica e artefactual da região onde se encontra (Bastianello, 2010, p. 98). Além disso, nos cemitérios, encontram-se diferentes línguas, e eles mostram a forma de expressão de ideologia política, a expressão do gosto artístico, servem como indicadores da evolução econômica e dos padrões da população local, como fonte reveladora da perspectiva de vida, e desvelam as posições da população local perante a morte (Ismério, 2013, p. 1).

O cemitério em estudo nesta pesquisa, o Cemitério da Santa Casa de Caridade, na cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul, é um dos mais antigos do estado, tendo sido erguido em 1858 (Bastianello, 2010, p. 16). Nessa necrópole há diversos túmulos, com suas arquiteturas, alegorias, diferentes línguas presentes, alguns com estátuas de heróis, com anjos e musas, que traduzem um universo de representações culturais e sociais. São fontes históricas que colaboram para a preservação da memória familiar e coletiva, permitindo o estudo das manifestações de crenças religiosas, de ideias e de posturas políticas. Também, mostram os gostos artísticos da sociedade na época, bem como trazem a formação étnica do município (Ismério, 2013, p. 3).

O Cemitério da Santa Casa de Caridade possui quadrantes, chamados de divisões. Na “Primeira Divisão”, parte mais antiga do cemitério, se encontram túmulos com

edificações mais luxuosas, apresentando beleza, requinte, ostentação e ornamentos ricos com a presença da arquitetura acadêmica (Bastianello, 2010, p. 18).

Entre as línguas presentes nos túmulos do Cemitério da Santa Casa de Caridade (como o português, o espanhol, o alemão e o inglês), está presente o latim, que é a língua foco desta pesquisa. A motivação da pesquisa se deu pela carência da existência de trabalhos desse escopo e pela relevância de se observar a presença do latim nos dias atuais. Segundo Almeida (2013), os epitáfios redigidos em outras línguas manifestam um caráter particular e identificam o falecido, revelando suas origens, crenças e tradições religiosas.

A influência do latim é indiscutível, uma vez que esta foi a língua franca do mundo ocidental por mais de mil anos. Além disso, o latim exerceu enorme influência sobre diversas línguas e serviu de fonte vocabular para a ciência, o mundo acadêmico e o direito (Leite; Castro, 2014, p. 54). Não obstante, o latim tornou-se, na mentalidade de muitos, uma “língua morta” a partir da sua exclusão dos currículos escolares na década de 1960 no Brasil e por ser uma língua que não tem mais falantes nativos (Diniz, 1999). Porém, o latim ainda é empregado pela Igreja Católica para fins rituais e burocráticos, e o grande número de inscrições em latim presentes nos cemitérios do Rio Grande do Sul, por exemplo, é uma das provas inquestionáveis da sua sobrevivência (Diniz, 1999)¹. Nesse sentido, o presente trabalho detalha a presença do latim no Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé.

Assim, neste trabalho, objetiva-se observar onde o latim está presente no Cemitério da Santa Casa de Caridade da cidade de Bagé, buscando traçar um perfil dos túmulos em que há inscrições em latim a partir de um detalhamento deles. Nesse detalhamento, procura-se identificar a condição socioeconômica dos enterrados a partir da análise da arquitetura funerária com os materiais utilizados na edificação dos túmulos e da observação das artes funerárias presentes neles, como estátuas, esculturas e ornamentos. Juntamente, verificar a divisão onde o túmulo se encontra é crucial para a análise da condição socioeconômica do enterrado, pois, segundo Bastianello (2010), a Primeira Divisão é reservada para a parte das edificações mais ostentativas e luxuosas do cemitério. Também, ao detalhar os túmulos, procura-se observar a preferência dos enterrados quanto ao modelo, à estética e ao estilo do túmulo, identificando se suas preferências têm influência dos catálogos funerários europeus, por exemplo. Objetiva-se, também, investigar a relação dos que jazem com a religiosidade, a partir das alegorias, das simbologias e do significado da inscrição em latim encontrada no túmulo. Por fim, procura-se averiguar a nacionalidade dos enterrados nos túmulos com inscrições em latim, por meio da análise dos sobrenomes e das divisões em que

¹ Em Santos Sobrinho (2013a; 2013b) e Amarante (2017), encontramos uma retomada histórica das justificativas dadas para o estudo do latim no Brasil, feita a partir da análise da legislação e dos prefácios de materiais didáticos dedicados ao ensino da língua no século XX e início do século XXI.

se encontram, pois, segundo Bastianello (2010, p. 73), descendentes de portugueses, espanhóis e italianos dominam a Primeira Divisão. Se a maioria das inscrições em latim se encontrarem nesta divisão, saberemos que a nacionalidade dos que jazem em túmulos com tais inscrições é essencialmente europeia.

Este trabalho está organizado em seis seções. Nesta introdução, foi feita uma breve contextualização acerca dos ritos funerários na sociedade, bem como foi explicitado o acervo abundante de informações que pode ser analisado em um cemitério. Ainda nesta seção, o contexto da necrópole em estudo foi apresentado, bem como foram brevemente mencionados aspectos históricos da língua latina. A segunda seção traz informações sobre o latim das inscrições tumulares. A terceira seção busca elucidar a postura do homem perante a morte e o que o túmulo representa socialmente. Descrições sobre estilos, arquitetura, *design*, trabalhos ornamentais, tipologia tumular e simbologias e discussão acerca dos significados das alegorias, das estátuas e esculturas também são feitas nesta seção. A quarta seção expõe uma proposta teórico-metodológica para a análise de inscrições epigráficas. A quinta seção, que apresenta os resultados, traz as inscrições em latim encontradas, bem como as fotografias de túmulos e sua análise, discutindo em que tipo de arquitetura, estilo e tipologia tumular os túmulos se enquadram, levando a delimitar a condição socioeconômica dos enterrados. Ademais, esta seção traz a verificação da religiosidade a partir de como o túmulo se apresenta e a observação da nacionalidade dos enterrados. A sexta seção apresenta as conclusões do trabalho.

O latim das inscrições tumulares: origens

Como mostra Cagnat (1898), na *Antiguidade Latina*, as inscrições fúnebres tinham como elementos essenciais (não necessariamente nesta ordem) a invocação aos deuses, o nome do enterrado e a informação sobre sua idade à época de sua morte. Além disso, havia, segundo o autor, partes acessórias, como, por exemplo, fórmulas que indicavam que o morto estava enterrado onde se encontrava a inscrição, uma vez que havia a possibilidade de um monumento funerário não conter o corpo da pessoa morta. São exemplos de tais fórmulas *hic jacet* (“aqui jaz”) e *hic situs* (“aqui está situado”).

As inscrições tumulares em latim constituem uma das fontes do Latim Vulgar, segundo Basseto (2001). Esses inscritos eram feitos em material permanente, metal, pedra ou mármore, e pertencem a vários períodos, podendo ser encontrados em todo o território do Império Romano. As inscrições transitavam de registros mais clássicos, com citações literárias, por exemplo, a textos de caráter religioso. Apesar de serem textos de caráter formular, estavam suscetíveis a variações que espelhavam características do período vulgar da língua, inclusive, variações de pronúncia.

Um texto registrado no *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL, XIII, 8481), analisado por Basseto (2001), apresenta influências germânicas, tais como aspirações,

epêntese, redução de ditongo, além de indistinção do futuro entre verbos de 3ª e 4ª conjugações, indistinção entre /o/ e /u/ átonos e enfraquecimento do sistema de casos. A partir de 180 d.C., aparecem inscrições tumulares cristãs. Os mesmos fenômenos que caracterizam o latim vulgar estão presentes nesses textos, diferindo, apenas, pelo caráter religioso, tais como a redução dos ditongos, enfraquecimento do uso do gênero neutro, estrutura frasal mais simples e fórmulas recorrentes.

De acordo com o autor, a língua latina apresentava três modalidades: *sermo urbanus*, *sermo classicus* ou *litterarius* e *sermo plebeius*. O *sermo urbanus* seria falado pela classe mais alta da sociedade romana, “correto” gramaticalmente, mas não burilado ou estilizado como o latim clássico. O *sermo classicus* ou *litterarius* seria uma variedade da língua latina reservada ao texto escrito, artístico, sintético, do período áureo da literatura latina. Já o *sermo plebeius* teria sido uma variedade essencialmente falada e popular. Através de documentação indireta, como o *Appendix Probi*, glossário apenso à gramática de Valérius Probo, podemos identificar que a variedade mais popular era corrigida por instrumentos linguísticos a partir dos quais temos acesso a muitos exemplos do *sermo plebeius*.

O latim eclesiástico ou latinório, que figura nas inscrições tumulares cristãs modernamente, foi utilizado pela Igreja Católica em todos os períodos para fins eclesiásticos e se distancia do latim clássico por apresentar variação lexical, sintaxe simplificada e ordenamento direto, além de uma pronúncia aproximada ao italiano.

Os ritos funerários e seus significados

A morte é um acontecimento individual, indizível e intransferível, pois ninguém pode morrer a morte de outrem nem narrar a sua própria morte (Catroga, 2002, p. 13). Ainda de acordo com Catroga (2002), o discurso reflexivo tanatológico é sempre dos vivos, pois “só a partir de um sujeito instalado na certeza do viver se poderá interrogar o seu enigma, entendendo-se assim que, no fundo, não seja a morte, mas o saber da (e sobre) a morte que suscita inquietação ao homem” (Catroga, 2002, p. 14).

Os ritos funerários presentes nas sociedades têm um efeito de superação do trauma e do caos que toda morte provoca naqueles que ficam. É uma forma de negociar a alteridade, já que a morte é a não-vida (Bayard, 1996). Assim, nos cemitérios, as edificações tumulares tentam imortalizar o morto, além de buscar manter a memória e a identidade do sepultado vivos. Ademais, através de epitáfios, estátuas, fotografias e símbolos, retoma-se a lembrança de uma vida e dos atos daquele que viveu (Bellomo, 2000, p. 51). Logo, os cemitérios são um lugar para memória, pois, por intermédio da sua valorização, almeja-se conquistar a imortalidade (Bastianello, 2010, p. 51).

No entanto, os cemitérios são muito mais do que apenas o local da última morada dos mortos, já que “são provas concretas da opulência econômica e política das cidades” (Ismério, 2013, p. 2). O desejo de perpetuar o *status* socioeconômico do enterrado se torna visível a partir da estética dos monumentos funerários, logo,

o entendimento que temos sobre a morte ser igualitária só existe na teoria, pois, na prática, podemos ler as desigualdades socioeconômicas nas edificações tumulares presentes nos cemitérios (Bastianello, 2010, p. 151). Borges (2002) salienta:

A efervescência narcisista, típica da burguesia, levou a nova classe a querer registrar suas particularidades nos cemitérios, que se tornaram o local propício para: eternizar o individualismo do homem, recém-valorizado após a morte; romper o anonimato das pessoas que passam a distinguir-se dos demais, adquirir propriedades perpétuas, cabendo aos homens poderosos o melhor quinhão da vida eterna. Esses cemitérios atestam ainda hoje o alto padrão social das famílias burguesas que se aglomeraram nesse habitat póstumo (Borges, 2002, p. 130).

O Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé foi erguido em 1858, como mencionado anteriormente. A necrópole é administrada pelo Hospital da Santa Casa de Caridade até os dias de hoje (Bastianello, 2010, p. 46). Em 1858, o novo espaço funerário abrigou as ossadas de três antigos cemitérios centrais da cidade de Bagé, repetindo o processo ocorrido em Paris (Ariès, 1989). Esse cemitério foi construído em uma região que, na época, ficava distante do convívio com os vivos por conta da racionalização, higienização urbana e questões de saúde pública.

Quem visita o Cemitério da Santa Casa de Caridade se depara com vários estilos de túmulos. Entre esses estilos, encontra-se o neoclássico, estilo greco-romano que apresenta frontão triangular e colunas, traçando o retorno aos padrões do esteticismo grego e defendendo o ideal clássico de arte como expressão da perfeição estética a partir da simetria baseada na aritmética, na geometria e no aspecto espiritual, eterno e que transcende a vida real (Bellomo, 2000). Além do neoclássico, podemos encontrar o estilo *art nouveau*, sendo a modernização da arte em resposta ao revivalismo histórico exaltado pela Era Vitoriana, fazendo o uso de linhas ondulantes, figurativas ou abstratas, tratadas com ousadia e simplicidade, substituindo a arte neoclássica (Pissetti; Souza, 2011). Também encontramos o estilo *art déco*, que passa ao observador um sentimento de alívio e bem-estar, pois preza pela simplicidade, pelo aspecto límpido e ordenado, com linhas retas e duras, pois o óbvio também pode ser elegante (Pissetti; Souza, 2011). Encontramos também o estilo neogótico, que relembra a arquitetura medieval, com arcos pontudos ou “ogivais” e construções tendendo para o verticalismo, com o objetivo de alcançar os céus (Pinheiro, 2010; Pereira, 2011). Ademais, podemos nos deparar com o estilo eclético, um estilo moderno, diversificado, que se opõe à ideia de unidade, preferindo o múltiplo, englobando uma vasta gama de características e abrangendo linguagens do classicismo greco-romano, passando pelo medievalismo, gótico, renascimento, barroco e rococó (Lorenzoni, 2015). Por fim, também há a verticalização do espaço mortuário pelo coletivo das gavetas.

Quanto às tipologias arquitetônicas presentes nessa necrópole, podemos encontrar a arquitetura vernacular e a arquitetura acadêmica. Os modelos vernaculares “consistem em estilos que refletem a tradição cultural mais do que formas arquitetônicas puras. Tal arquitetura demonstra, em geral, as verdadeiras atitudes e crenças de um povo de maneira mais clara do que a arquitetura acadêmica” (Orser, 1992, p. 35). Já o modelo acadêmico baseia-se no serviço contratado a profissionais especializados, nomeadamente marmoristas, com o fito de edificar túmulos suntuosos, com estilos eruditos definidos, construindo modelos provenientes do continente europeu (Bastianello, 2010, p. 19).

Considerando a tipologia dos túmulos proposta por Borges (2002), podemos encontrar os túmulos monumentais, que são túmulos que se assemelham aos monumentos celebrativos da Primeira República, com construções tendendo ao verticalismo e com decorações apuradas; os túmulos de porte médio, que variam de 2,5 a 5,5 metros, assentados sobre uma base que contém o defunto; os jazigos-capela, que são pequenas capelas reunindo as ossadas de uma mesma família e que permitiam que a burguesia fizesse suas orações em local privativo e próximo aos entes; as gavetas, que solucionam a falta de espaço nos cemitérios e atendem famílias de baixo poder aquisitivo; e o sepultamento em covas a partir de uma escavação no chão. Além desses tipos tumulares, Borges (2002) traz o túmulo simples, que são túmulos edificadas com altura de até 2,5 metros e feitos de alvenaria. Alguns túmulos encontrados no Cemitério da Santa Casa de Caridade têm a altura de até 2,5 metros mas não são de alvenaria, não sendo, então, condizentes com o tipo tumular simples. Dessa maneira, neste trabalho, são denominados como de baixa elevação os túmulos com altura inferior a 2,5 metros e construídos com outros materiais nobres, como o mármore, o granito e o bronze.

Os túmulos também apresentam símbolos e alegorias, “tendo estas um caráter que ultrapassa o simples sentido das estátuas, representando ideias abstratas, fazendo alusão à política, à religião, à moral e à sociedade” (Bellomo, 2000, p. 143). Ainda de acordo com Bellomo (2000), as alegorias são uma representação concreta de uma representação mental. No Brasil, as alegorias se tornaram presentes nos palacetes das famílias mais abastadas. Refinando a vida social, as alegorias imitavam padrões europeus, sendo o padrão francês o mais preferido devido à *Belle Époque*. A ideia da burguesia se sobressair perante os demais é também refletida após a morte, a partir de encomendas de estátuas da Europa para perpetuar o *status* do morto (Bellomo, 2000, p. 144).

As alegorias presentes no Cemitério da Santa Casa da Caridade de Bagé são diversas. Podemos nos deparar com muitas esculturas angelicais, sendo os anjos a personificação do ser espiritual que exerce o ofício de mensageiro entre Deus e os homens. Dentre as alegorias presentes, os anjos são provenientes da fé cristã (Borges, 2002). Além das alegorias angelicais, é comum nos depararmos com esculturas

femininas. Para Bellomo (2000, p. 144), as esculturas são femininas porque “as mulheres são mais emotivas que os homens, deixando aflorar com mais facilidade seus sentimentos”. As alegorias angelicais e femininas diferem-se quanto ao estado, à expressão, à pose e ao simbolismo. Podem ser classificadas como alegorias cristãs ou sentimentais. Dentre as cristãs, podemos encontrar as alegorias da esperança, da caridade, da justiça, da eternidade, da oração, da morte e do juízo final. Com relação às alegorias sentimentais, podemos encontrar a alegoria da lembrança, da desolação, da tristeza, da consolação e da saudade.

Além das alegorias, podemos encontrar muitos símbolos nos túmulos. O símbolo mais popular é o da cruz, sendo o principal símbolo representativo do cristianismo. Na cruz estão constituídas a fé e a crença em um dos princípios mais caros para os cristãos: a ideia da morte e da ressurreição de Cristo (Bellomo, 2000, p. 125). Além das cruces, podemos nos deparar com imagens sacras que acentuam a devoção do morto, como a imagem do Sagrado Coração de Jesus e da Virgem Maria.

Bagé é uma cidade cujo surgimento está ligado à instalação de acampamentos militares do exército brasileiro. Sendo uma cidade em região de fronteira com o Uruguai, acabou, desde a sua origem, ocupando uma posição estratégica na defesa do território nacional (Bastianello, 2010, p. 43). Por essa razão, é comum vermos brasões e bustos nos túmulos do Cemitério da Santa Casa de Caridade, sendo eles destinados a quem tinha destaque no mundo político, econômico, social e cultural (Borges, 2002).

Outrossim, nessa necrópole podemos nos deparar com vasos vazios de boca larga e feitos de cerâmica, simbolizando o corpo que se separa da alma. Também podemos encontrar muitas piras, estas relacionadas à traição de Judas e ligadas à paixão (Borges, 2002). Além disso, podemos nos deparar com ramos de palma em alto relevo, sendo relacionados à paz na concepção cristã, e flores, estas podendo ter vários significados, como a virgindade feminina, a Virgem Maria, o amor divino, ou ainda, em forma de coroas, significando a salvação alcançada (Bellomo, 2000, p. 127). Os ornamentos, estátuas, alegorias, os epitáfios e o uso de determinados materiais, como o mármore branco sendo relacionado à fé cristã (Bastianello, 2010, p. 152), também permitem-nos identificar a religião predominante na região.

O latim é considerado uma língua cristã por ser a língua oficial da Igreja Católica (Diniz, 1999; Leite; Castro, 2014). A representação do latim como uma “língua da igreja” é discutida por Bernal (2012; 2016). Segundo Bernal (2016), há, na obra do escritor Machado de Assis, que constituiu seu *corpus* de análise, evidências para a

caracterização do latim como uma língua recorrentemente utilizada em meios religiosos, e por sacerdotes nas situações corriqueiras, mas que era de difícil acesso para a população em geral, mesmo aquela que frequentava assiduamente esse ambiente (Bernal, 2016, p. 76).

Nesse sentido, uma das questões que motivou esta pesquisa também foi analisar a relação da opção do uso do latim nas inscrições com as alegorias, símbolos e ornamentos dos túmulos, observando se esses são igualmente cristãos, ou se existem túmulos com alegorias laicas e que optaram pela inscrição em latim.

Além de ser possível fazer a leitura da crença dominante entre os enterrados no Cemitério da Santa Casa de Caridade, as edificações tumulares também permitem-nos ler as diferenças socioeconômicas existentes na sociedade, as quais se refletem em seus artefatos funerários, que também são ferramentas utilizadas para perpetuar a memória do sepultado frente à irreparável perda da existência (Catroga, 2002, p. 28-29).

Bases teóricas e metodológicas: a epigrafia

A epigrafia é uma área da ciência que estuda a leitura e interpretação de inscrições em monumentos, ou seja, em materiais duros, tais como metal, pedra, madeira e cerâmica. Os pressupostos teóricos e metodológicos da epigrafia são utilizados para dar conta de inscrições parietais, *tabellae defixionum* e inscrições tumulares. De acordo com D'encarnação (2006), a epigrafia não só decifra os inscritos, mas também discute sobre questões religiosas, culto aos mortos, condições socioeconômicas, aspectos políticos, personagens ilustres, além de refletir sobre as motivações do registro escrito, escolha do tipo de suporte, estilo das palavras, ausência de outros elementos e escolha do espaço em que se encontra a inscrição. Como esclarece Julião (2020, p. 406), “as inscrições epigráficas servem como um medidor socioeconômico de determinada sociedade, considerando as relações sociais e, inclusive, como as mesmas influenciam os investimentos econômicos em obras públicas”.

Corassin (1999) explicita que, entre as epígrafes da Antiguidade, encontravam-se as sepulcrais. Conforme Almeida (2013), a função dos epitáfios foi se alterando ao longo do tempo. Na Antiguidade Clássica, os epitáfios, além de identificarem o morto, serviam como uma reverência à sua memória, de maneira a ressaltar seus feitos. Na idade média, os epitáfios têm ocorrência reduzida, uma vez que “o sepultamento realizado no espaço sagrado das igrejas, no interior dos templos, dispensava a identificação do morto” (Almeida, 2013, p. 51-52), tendo em vista que tal espaço, por si só, garantiria a salvação do morto. Como afirma Almeida (2013, p. 52), o século XII testemunha “o retorno ao gosto pelos epitáfios”, sendo escritos, neste século e no seguinte, predominantemente em latim. Os séculos XV e XVI veem a retomada dos epitáfios conforme o estilo verificado na Antiguidade. Do século XVI ao início do século XVIII, verifica-se a predominância do que a autora caracteriza como “epitáfios heroicos”, que “adquirem característica de relato biográfico glorificando o defunto, ressaltando suas ações brilhantes e grandes serviços” (Almeida, 2013, p. 52). Chegamos, agora, ao período histórico contemplado neste trabalho. Segundo a autora,

No século XIX o cemitério fora das igrejas concentrou toda a piedade para com os mortos, tornou-se uma instituição cultural e religiosa, passou a ser um lugar de visita, meditação e os epitáfios têm um lugar de destaque nestes espaços. A utilização dos textos epigráficos persiste nos séculos XIX e XX afora, mudando, contudo, a fórmula. Tornam-se padronizados e formais, espelhando as mudanças sociais e políticas experimentadas no mundo ocidental naquela altura. Fato este tradutor do imaginário da época, da percepção da vida e memória dos mortos que se almejava guardar e evocar (Almeida, 2013, p. 52)

Para a análise dos epitáfios, o presente trabalho baseia-se em Campos (2015), que propõe uma metodologia para o estudo de inscritos em latim do século I d. C. em monumentos da cidade romana de Sagunto. O autor elenca etapas para a organização do *corpus*. Na proposta de Campos (2015), o que corresponde à primeira e à segunda etapa para a análise epigráfica contém as seguintes informações²:

1. Exposição da imagem da inscrição, do texto em latim e sua interpretação;
2. Identificação do tipo de suporte;
3. Qualificação (discurso epigráfico);
4. Datação;
5. Manifestação da língua;
6. Topos;
7. Registro;
8. Tamanho;
9. Material de produção do artefato.

Nosso trabalho aplica esse modelo aos inscritos mais modernos, guardando as especificidades de nosso *corpus*. Inscritos em latim em monumentos mais modernos são objeto de estudo em outros trabalhos, como os de Julião (2018; 2020), que analisam inscrições em monumentos do Rio de Janeiro dos séculos XVIII e XIX. A proposta de Campos (2015) será, portanto, adaptada ao nosso *corpus*, pois, como esclarece Campos (2015, p. 213), “há uma necessidade de flexibilização dos aparatos devido às especificidades da documentação”. Quanto aos itens 1 e 2, a análise apresentada neste trabalho trará imagens dos túmulos que contêm inscrições em latim, com destaque para o texto em latim, acompanhado da sua tradução. Além disso, haverá

² Em função do tipo de *corpus* analisado neste trabalho, ele não contemplará as informações correspondentes à terceira e à quarta etapas propostas por Campos (2015).

uma descrição do suporte em que se encontra a inscrição. No caso do nosso estudo, trata-se dos túmulos, que serão descritos quanto: à arquitetura tumular, observando se esta é vernacular ou acadêmica (Orser, 1992); aos estilos dos túmulos, verificando se os mesmos se enquadram em algum dos estilos presentes na necrópole de acordo com Bastianello (2010, p. 53): neoclássico, neogótico, *art déco*, *art nouveau* ou eclético; à arte funerária, a partir da análise das esculturas, ornamentos e alegorias, bem como de seus significados; à tipologia dos túmulos, conforme proposta de Borges (2002); a referências à religiosidade nos túmulos, a partir de símbolos ou inscrições religiosas. Quanto ao item 3, o nosso *corpus* é constituído exclusivamente pelo discurso fúnebre. Sobre o item 5, constitui a unidade do *corpus* o fato de ele ser constituído por inscrições em latim. Com relação ao item 6, todas as inscrições analisadas estão localizadas no Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé (RS). Além disso, é identificada, na análise, a divisão do cemitério em que as inscrições se localizam. No que se refere aos itens 4, 8 e 9, as informações não são apresentadas na análise ou são apresentadas de forma sumária em função de como o *corpus* foi constituído e, também, da dificuldade de obter tais dados. Por fim, o item 7 não é apresentado, já que as inscrições analisadas não foram formalmente catalogadas.

Análise das inscrições em latim do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé (RS)

Em nosso trabalho, foram encontrados 27 túmulos³ com inscrições em latim. Na sequência, são apresentadas fotografias de túmulos que possuem inscrições em latim e sua análise, a partir dos procedimentos descritos anteriormente.

A **Figura 1** mostra a fotografia do primeiro túmulo sob análise⁴. O túmulo 1 (**Figura 1**) está localizado na Primeira Divisão, área onde pulsam décadas de memória no Cemitério da Santa Casa, com túmulos ricamente ornamentados, representando como a sociedade bageense do século XX se relacionava com a morte (Bastianello, 2010, p. 18). A tipologia da edificação é de túmulo capela. O estilo desse túmulo é eclético, estilo cujas características estão presentes, de maneira geral, na cultura arquitetônica dos jazigos-capelas. O túmulo também possui colunas, servindo de eixo e suporte para as construções. O fato de o túmulo ser um jazigo-capela já confere à edificação o caráter religioso de fé cristã. Nesse mesmo sentido, há a presença das esculturas angelicais e da cruz nas portas. O anjo personifica o ser espiritual

³ Além das edificações tumulares descritas e analisadas na sequência, um túmulo com a inscrição *in memoriam*, significando “em memória de” ou “em lembrança de”, foi encontrado na quinta divisão. A inscrição encontra-se em uma lápide de granito, no solo, cercada por pedras empilhadas. Não foi possível detectar o estilo e a arquitetura desse túmulo.

⁴ Dados que poderiam identificar os enterrados foram ocultados das imagens presentes neste trabalho.

que exerce o ofício de mensageiro entre Deus e os homens (Borges, 2002), como mencionamos anteriormente. Além desse significado, os anjos podem apresentar alegorias. No caso do túmulo 1, há anjos em estado de oração, mostrando uma alegoria de caráter religioso, e anjos com a alegoria da eternidade, segurando as mãos. Há vasos vazios em cima do túmulo, simbolizando o corpo que se separa da alma, como mencionado anteriormente, e cruzes no topo do jazigo e nas portas, principal símbolo representativo do cristianismo. A arquitetura do túmulo 1 é acadêmica, com a utilização de mármore, granito, gesso e outros materiais. Sua edificação é suntuosa e tem um estilo erudito eclético definido. As inscrições presentes em latim são *in memoriam* (“em memória”)⁵ e *pax* (“paz”)⁶, destacadas em vermelho na Figura 1.



Figura 1. Túmulo 1.

Fonte: Fotografia de Dienifer Feijó Vieira.

⁵ Embora utilizada aqui em contexto fúnebre, *in memoriam* é uma inscrição que pode ser utilizada em outros contextos, como, por exemplo, em dedicatórias, homenagens ou publicações acadêmicas.

⁶ Como mostra Cagnat (1898), à época do Império Romano, não era incomum a invocação aos deuses, como Júpiter, Diana, Vênus, por exemplo, nas inscrições funerárias. O autor destaca também a presença de fórmulas como *pax tecum* (“que a paz esteja com você”), *pax aeterna* (“paz eterna”) e *pax tecum aeterna* (“que a paz eterna esteja com você”) nas inscrições pagãs da região de Arles.

O túmulo 2 (Figura 2) é de baixa elevação e também está localizado na Primeira Divisão do cemitério. Apresenta sinais de religiosidade cristã, como mostra a cruz que se sobressai em alto-relevo, com flores no seu entorno, representando a vitória sobre as trevas e o pecado. Cercando o túmulo, há uma grade de ferro com um ornamento floral delicado, sendo as grades um recurso decorativo valorizado pelos artistas do estilo eclético e do *art nouveau* (Borges, 2002). O túmulo 2 é de estilo eclético, de arquitetura acadêmica. A inscrição em latim presente é *pax*, significando “paz”.



Figura 2. Túmulo 2.

Fonte: Fotografia de Dienifer Feijó Vieira.

O túmulo 3 (Figura 3) localiza-se também na Primeira Divisão, sendo um túmulo de porte médio, assentado sobre uma base que ocupa parte da área reservada ao túmulo. A construção tende para o verticalismo. De estilo eclético, o túmulo 3 usa o mármore de Carrara, simbolizando a fé cristã (Bastianello, 2010, p. 152), possui vasos vazios, que se referem à alma que se separa do corpo, e anjos identificados pelas suas asas, porém de alegoria laica, com uma maior humanização e ganhando uma aparência mais terrena, perdendo suas características celestiais (Borges, 2002). O anjo do lado direito da imagem segura uma coroa de flores, podendo simbolizar a saudade. Cercando o túmulo, há uma grade ornamentada, adereço adotado pelo estilo eclético a partir do século XX. A arquitetura é acadêmica, e a inscrição em latim é *in memoriam*, significando “em memória” ou “em lembrança”.



Figura 3. Túmulo 3.

Fonte: Fotografia de Dienifer Feijó Vieira.

O túmulo 4 (Figura 4) também está localizado na Primeira Divisão, sendo um jazigo-perpétuo de porte médio: aquele que perdura por toda a vida daquele que o adquire, podendo a titularidade do jazigo ser transferida para os sucessores do indivíduo que o adquiriu. Esse túmulo possui vasos, simbolizando a separação da alma do corpo físico, como mencionado anteriormente, e possui uma cruz, principal símbolo cristão. A arquitetura é acadêmica, com o estilo erudito eclético, e a inscrição é o ano de 1885, escrito em numerais romanos com as letras do alfabeto latino: *MDCCCLXXXV*.

O túmulo 5 (Figura 5) localiza-se no quadrante da Terceira Divisão, onde domina o conjunto de gavetas, demarcando a verticalização dessa parte do cemitério. Nessa parte do cemitério, os túmulos são mais simples, predominando arquiteturas vernaculares e sem assinatura de autoria, como é o caso do túmulo 5. Esse túmulo também apresenta o granito, material de custo menor em comparação ao mármore, mas que também segue os padrões europeus de arte cimiterial. A sua arquitetura pode ser classificada como vernacular. A alegoria presente é o rosto de Jesus Cristo, mostrando como a arte funerária é comprometida com as crenças daqueles que encomendam os túmulos. Mesmo com a secularização dos cemitérios, todo cristão tinha seu santo de devoção que deveria acompanhá-lo no túmulo (Borges, 2002).



Figura 4. Túmulo 4.

Fonte: Fotografia de Dienifer Feijó Vieira.



Figura 5. Túmulo 5.

Fonte: fotografia de Dienifer Feijó Vieira.

A inscrição em latim é a mais longa presente no cemitério: *In coelestibus Debet Esse Habitat Tua!*, significando “Nos céus deve estar a tua morada”, reafirmando a fé cristã⁷. Aqui, percebemos um registro não usual da citação latina. No inscrito, a palavra *habitat* (verbo) é utilizada no lugar de *habitatio* (substantivo). As inscrições tumulares podem figurar, também, um uso de caráter formulaico, sem representar,

⁷ Trata-se de um trecho do livro *De imitatione Jesu Christi* (“Imitação de Cristo”), de Tomás de Kempis. O trecho completo é *In coelestibus debet esse habitatio tua, et sicuti in transitum cuncta terrena sunt aspicienda* (“Nos céus deve estar a tua morada, e como de passagem há de olhar todas as coisas na terra”).

necessariamente, um conhecimento profundo das estruturas latinas, o que pode explicar um uso que se desvia das regras gramaticais.

O túmulo 6 (Figura 6) está localizado na Segunda Divisão, área onde podemos encontrar alguns túmulos requintados, porém em menor quantidade comparada à Primeira Divisão. Este túmulo é um jazigo-capela, tipologia imediatamente ligada ao cristianismo e que também confirma a religiosidade cristã da família ao utilizar uma cruz em seu topo. O túmulo 6 se assemelha ao estilo neoclássico, devido à influência greco-romana em seu frontão triangular. O movimento neoclássico traçou o retorno aos padrões do esteticismo grego, rompendo o frontalismo rígido da arte egípcia (Bellomo, 2000). Este jazigo-capela é de arquitetura vernacular, devido à alvenaria e à pintura em sua estrutura. A inscrição encontrada é *requiescat in pace*, significando “que descanse em paz”⁸.



Figura 6. Túmulo 6.
Fonte: Fotografia de Dienifer Feijó Vieira.

⁸ Segundo Pereira (2017), a expressão *requiescat in pace* está presente no responsório *Subvenite*, que integra a primeira parte do rito exequial descrito no *Rituale Romanum* de 1614.

O túmulo 7 (Figura 7) está localizado na Primeira Divisão. Esse túmulo é um jazigo-capela, devido ao recinto privado propício para orações, relativo ao cristianismo. Todavia, sua carneira alta e pesada, que se apoia em um pedestal maior centralizado, lembra um túmulo monumento, tipologia inspirada na Antiguidade Clássica (Borges, 2002). A arquitetura é acadêmica, sendo seu material o granito, com grade em ferro fundido, material naturalmente integrado à paisagem urbana das cidades. A grade de ferro é um grande recurso decorativo e de preço acessível, altamente aprovado pela burguesia na arte funerária (Borges, 2002). O estilo do túmulo é *art déco*, estilo que utiliza formas geométricas, com influência da vanguarda artística futurista e do modernismo, além de prezar pela simetria e garantir a elegância. No topo do túmulo há uma escultura de uma carpideira, profissão antiga executada por mulheres que eram contratadas para chorar nos enterros e velórios, comovendo o público presente (Ismério, 2019). A inscrição presente no túmulo 7 é *pax* (“paz”), localizada na porta do jazigo, conforme mostra o detalhamento do túmulo apresentado na Figura 8.



Figura 7. Túmulo 7.

Fonte: fotografia de Dienifer Feijó Vieira.



Figura 8. Detalhe do túmulo 7

Fonte: Fotografia de Dienifer Feijó Vieira.

Os túmulos 8, 9, 10 e 11 (Figuras 9-12, respectivamente) também se localizam na Primeira Divisão. A inscrição em latim é *INRI*, abreviatura de *Iesus Nazarenus Rex Iudeorum* (“Jesus Nazareno, Rei dos Judeus”)⁹, fazendo alusão à religiosidade cristã da família. Essa inscrição está presente em 19 túmulos da Primeira Divisão (sendo, em sua grande maioria, túmulos de baixa elevação) e é esculpida em uma pequena placa de bronze na parte superior da cruz dos túmulos, sendo uma segunda indicação da fé cristã dos enterrados. Todos esses 19 túmulos são de *art déco*, explorando as formas geométricas, garantindo uma aparência moderna, elegante e limpa. Dos 19 túmulos, são apresentados quatro deles nas figuras abaixo, a título de exemplificação. Outros detalhes podem ser observados, como as duas ordens toscanas romanas no túmulo 8 (Figura 9), sendo a simplificação da ordem dórica grega originária da arquitetura clássica, tendo seu fuste sem caneluras e o capitel com aneletes (Ismério, 2019). Também, no túmulo 10 (Figura 11), podemos observar a alegoria da desolação feita de bronze, apresentada por uma ação humana tendo como característica os braços e a cabeça debruçados sobre o túmulo. Nos 19 túmulos com a inscrição *INRI*, a arquitetura é acadêmica, com o uso de granito, mármore e bronze.

Feita a descrição do *corpus*, procedemos à sua análise. Quanto à etnia dos enterrados nos túmulos com inscrição em latim, na Primeira Divisão, segundo Bastianello

⁹ Conforme consta no Evangelho de João, no Novo Testamento da Bíblia, “...e Pilatos escreveu também um título, e pô-lo em cima da cruz; e nele estava escrito: JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS.” (Jo. 19, 19). Segundo Bischoff e Tejada (2019, p. 170), “A inscrição foi escrita em Hebraico, Latim e Grego porque os povos que circulavam por Jerusalém naquela época falavam, pelo menos, uma dessa[s] línguas”.



Figura 9. Túmulo 8.
Fonte: Fotografia de Dienifer Feijó Vieira.



Figura 10. Túmulo 9
Fonte: Fotografia de Dienifer Feijó Vieira.

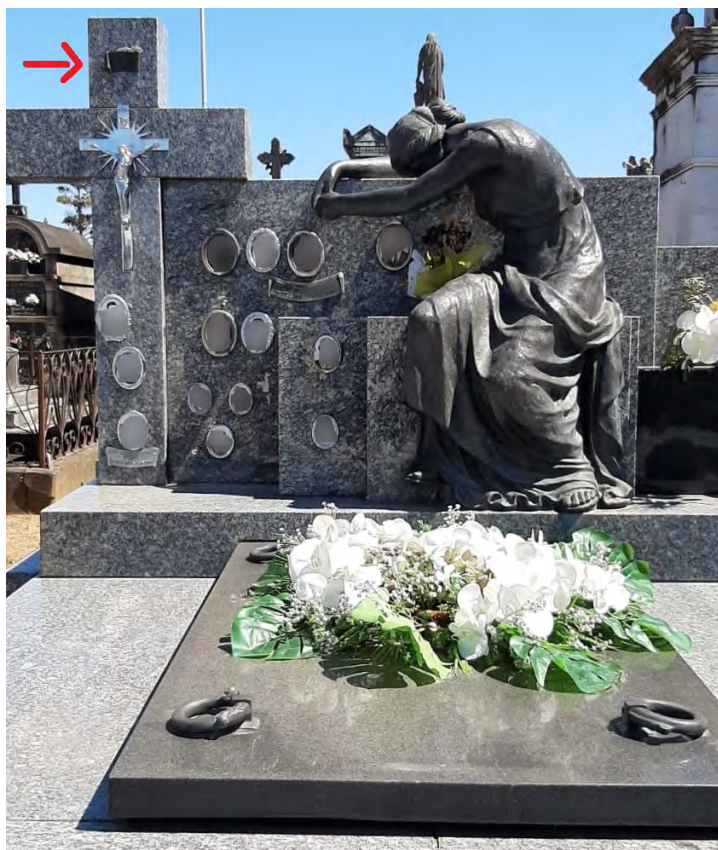


Figura 11. Túmulo 10

Fonte: Fotografia de Dienifer Feijó Vieira.



Figura 12. Túmulo 11.

Fonte: Fotografia de Dienifer Feijó Vieira.

(2010, p. 71), há o predomínio de luso-brasileiros, sendo esses descendentes dos colonizadores da região no período de ocupação militar e da conquista do território, e de imigrantes portugueses, totalizando 56,30% da divisão. A segunda participação mais representativa é de espanhóis, sendo 17,78% dos túmulos, e a terceira dos italianos, abrangendo 8,15% dos túmulos. Os dados trazidos por Bastianello foram cruciais para relacionar a nacionalidade daqueles que optaram pelas inscrições em latim nos túmulos, já que, dos 27 túmulos com inscrições em latim, 24 estão localizados na Primeira Divisão, área com edificações tumulares suntuosas. Nesta pesquisa, classificar a etnia e a nacionalidade, túmulo por túmulo, se tornou inviável, pela restrição de acesso a informações sobre a família, por alguns túmulos não conterem os nomes dos enterrados e pela complexidade na diferenciação de nomes com grafia familiar a diferentes línguas. Por exemplo, o sobrenome Rozado é português (genealogicamente falando), porém a família veio de Olivença, região hoje pertencente à Espanha, mas que anteriormente pertencia à Portugal. Outro exemplo é Guasque, um nome espanhol, mas de uma família que veio da França (Bastianello, 2010, p. 72). Sendo assim, a maior probabilidade é que os 24 túmulos localizados na Primeira Divisão com inscrições em latim pertençam a famílias de origem portuguesa, espanhola e, em menor quantidade, italiana, sendo, de qualquer forma, essencialmente europeia. Os túmulos localizados nas demais divisões também provavelmente são de origem ibérica por conta dos sobrenomes Dias, Silveira, Budó e Pontes.

Destacamos, agora, o que houve de predominante em relação à arquitetura funerária, à tipologia tumular e aos estilos presentes nas edificações com inscrições em latim. Com relação à arquitetura funerária, dos 27 túmulos, 24 são de arquitetura acadêmica, com o uso prevaletente do mármore, bronze e granito, sendo baseados no serviço contratado de profissionais especializados, com o propósito de edificar túmulos com estilos eruditos definidos, normalmente advindos do continente europeu (Bastianello, 2010, p. 19). Quanto à tipologia tumular, 20 túmulos são de baixa elevação e com tamanhos variados, com altura menor do que 2,5 metros (altura mínima do túmulo de porte médio). No que se refere aos estilos presentes, 20 túmulos são de *art déco*, estilo oriundo da Europa, com formas geométricas definidas que garantem uma aparência límpida, ordenada e elegante (Pissetti; Souza, 2011).

Quanto à arte funerária, foram encontradas 14 esculturas, sendo a maioria anjos. Também foram localizadas imagens de Jesus Cristo e uma estátua de uma carpeideira. Das alegorias presentes, há anjos apresentando-se em estado de oração, mostrando uma alegoria de caráter religioso, bem como anjos segurando as mãos, representando a alegoria da eternidade, e um anjo com coroa de flores, podendo representar a saudade. Há também a alegoria da desolação, feita em bronze e representada por uma mulher. Ademais, foram vistas coroas e flores esculpidas, sendo estas símbolos da vitória sobre as trevas e o pecado, e vasos vazios, sendo estes símbolos do corpo que se separa da alma. Já com relação aos símbolos presentes nos túmulos, a cruz

é dominante, estando presente em 23 deles, sendo este o principal símbolo da fé cristã. Grades e adornos em ferro fundido também foram encontrados, sendo este tipo de ornamento decorativo valorizado pelos artistas do estilo eclético e do *art nouveau* (Borges, 2002).

Assim, observando a presença de anjos, sendo estes a personificação de um ser espiritual que exerce o ofício de mensageiro entre Deus e os homens (Borges, 2002), a prevalência de cruzes nos túmulos, as esculturas de Jesus Cristo e a presença das inscrições *INRI* (presente em 19 dos 27 túmulos com inscrições em latim, o que aponta para a padronização dos epitáfios, mencionada por Almeida, 2013) e *In coelestibus Debet Esse Habitat Tua!*, pode-se concluir que a fé cristã é dominante entre aqueles que optaram pelas inscrições em latim nos seus túmulos.

Dada a predominância de túmulos com inscrições em latim na Primeira Divisão, com estilos europeus *art déco* e eclético e suas tipologias tumulares de baixa elevação e jazigos-capela, além de serem edificadas com uma arquitetura acadêmica, prevalecendo o uso do mármore, do granito e do bronze, considerando também a arte funerária com o maior número de cruzes esculpidas, seguido de estátuas e vasos, pode-se entender que aqueles que optaram pelas inscrições em latim em seus túmulos, no geral, possuíam um grande poder aquisitivo ao ter despendido um alto custo ao edificar seus túmulos, optando por materiais caros utilizados nas reproduções de estilos europeus, unindo ornamentos e detalhes que encarecem os túmulos.

De acordo com Burke (1995), a língua latina exerceu diversos papéis após a queda do Império romano. Um desses usos práticos do latim teria sido o “latim para impressionar” ou o “latim como distinção”, uma forma de atribuir *status*. O autor cita, entre outros exemplos, a utilização do latim na linguagem do charlatanismo em remédios “milagrosos”: *Elixir Vitae, Aqua Celestis*.

Bernal (2012; 2016) analisa a obra do escritor Machado de Assis a fim de buscar indícios para as representações sobre o latim que circulavam no Brasil na segunda metade do século XIX. Alguns trechos localizados por Bernal representam a língua latina como um “elemento acessório das elites” e como uma “língua valorativa”, ou seja, como uma língua cultuada pelas elites por seu valor simbólico, o que constitui mais um exemplo do “latim para impressionar”, mencionado por Burke (1995). Também Santos Sobrinho (2014), em análise de um periódico do mesmo período, identifica no material sob análise indícios de uma representação segundo a qual saber latim era um “sinal de distinção e de poder” (Santos Sobrinho, 2014, p. 80)¹⁰.

¹⁰ Como mostram Esquinsani e Esquinsani (2021), a “marca de distinção” do latim parece permanecer atual, embora, evidentemente, em um contexto bastante diferente. A partir da análise de currículos de cursos de Letras da região sul do país, os autores concluem que há um “efeito paradoxal do Latim no mercado dos bens simbólicos onde, por um lado, ele é capaz de agregar valor ao capital cultural de um sujeito, em especial se este sujeito trabalhar em áreas onde são requeridos determinados padrões de comunicação mais elaborados. Por outro lado, a falta de opções

Como destaca Santos Sobrinho (2013a), achados como esses revelam o abismo entre a cultura de elite (e de uma elite masculina¹¹) e a cultura popular.

Tal abismo é igualmente destacado por Julião (2019), que analisa uma inscrição em latim encontrada em um monumento carioca, inaugurado em 1785. Segundo o autor, a língua latina, no período em que foi erigido o monumento, constituía-se como um sinal de erudição e como um instrumento de exclusão, uma vez que o acesso à educação básica e, portanto, ao estudo da língua latina era restrito a poucos. Julião (2019, p. 91) afirma que “tais aspectos mostram que a inscrição latina não foi ali colocada para compreensão da totalidade dos habitantes, mas para outros que compreendessem aquele tipo de código linguístico”¹².

Nossa análise, como foi demonstrado, revela indícios do latim como uma ferramenta de distinção social, como uma forma de separar a cultura da elite da cultura popular, como distinção, conforme já haviam apontado, para outros contextos de presença do latim, Burke (1995), Santos Sobrinho (2013a; 2014) e Julião (2019). É necessário destacar, entretanto, que o registro não usual de *habitat* por *habitation* demonstra a utilização de citações cristalizadas em latim, não necessariamente conhecimento profundo do funcionamento da língua.

Considerações finais

O sepultamento causa a preocupação quanto à edificação da tumba que é dedicada ao defunto, por essa ser um modo de perpetuar a memória do enterrado, de expressar os sentimentos da família e por ser um modo de afirmar valores sociais. Dessa forma, o cemitério abriga um grande acervo de informações, como o gosto artístico, as etnias, as ideologias, a história local, as crenças e o poder aquisitivo da população, tornando possível entender o contexto sócio-histórico-cultural de um local ou de uma determinada região e como o mesmo mudou ao longo dos anos. Com o Cemitério da Santa Casa de Caridade na cidade de Bagé, não seria diferente.

Como parte desse aglomerado de dados e conhecimentos que uma necrópole proporciona, podemos encontrar diferentes línguas presentes nos epítáfios; línguas essas que também mostram a história da população local. Desse modo, por não haver muitos trabalhos desse escopo e por ser parte da herança linguística de muitas culturas,

de acesso ao ensino de Latim, mesmo para profissionais formados em Letras, pode acarretar uma supervalorização dos ‘iniciados’ na Língua Latina, uma vez que a economia das trocas simbólicas tende a valorizar as diferenciações” (Esquinsani; Esquinsani, 2021, p. 331-332).

¹¹ Bernal (2012; 2016) discute a interdição do acesso ao ensino do latim para as mulheres.

¹² Este caráter excludente da inscrição epigráfica identificado por Julião (2019) vai de encontro à função da escrita epigráfica na Antiguidade. Neste período, como explica Corassin (1999, p. 206), “a função epigráfica pressupõe a comunicação com o maior número de leitores e a durabilidade das inscrições”.

a pesquisa quanto à presença do latim no Cemitério da Santa Casa de Caridade permitiu o levantamento de dados importantes para a compreensão desse espaço.

Conforme foi mostrado, foram encontrados 27 túmulos com inscrições em latim. Desses túmulos, a grande maioria encontra-se na Primeira Divisão do cemitério e, igualmente, a grande maioria apresenta arquitetura acadêmica, demonstrando requinte e sofisticação na edificação dos túmulos. Quanto aos estilos, predominam o *art déco* e o eclético, mostrando-nos a preferência quanto aos estilos tumulares europeus. Quanto à tipologia tumular, predominam os túmulos de baixa elevação (não alcançando a altura de um túmulo de porte médio). Conforme foi demonstrado, a grande maioria dos túmulos é de famílias cristãs, e todos os enterrados são essencialmente de ascendência europeia.

A arte funerária desses 27 túmulos compõe-se pela utilização de cruzes em dominância, de anjos, estátuas e vasos vazios, além de ornamentos em bronze como esculturas, placas, aldravas e argolas de bronze no mármore e inscrições feitas de bronze. Os dados obtidos demonstram que a preferência artística da família dos enterrados enquadra-se nos modelos funerários europeus.

O conjunto das artes tumulares, juntamente com os estilos dos túmulos, com a arquitetura acadêmica, com o desejo de perpetuar a memória dos familiares por meio da ornamentação das tumbas e com a prevalência dessas na Primeira Divisão do cemitério, mostra-nos o alto poder aquisitivo das famílias enterradas. O domínio do latim nos túmulos dessas famílias pode se dar pelo acesso maior à informação e às artes, pelo apreço a estilos eruditos europeus, pela tradição do emprego do latim na Igreja Católica, reafirmando a fé cristã da família, e pelo desejo de perpetuar o *status* socioeconômico com edificações tumulares suntuosas e com distinção ao mostrar uma aparência de conhecimento sobre essa antiga língua indo-europeia.

Referências

ALMEIDA, M. das G. de. Epitáfios: a imagem escrita da saudade. *Domínios da Imagem*, v. 7, n. 13, p. 49-58, 2013. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/18559>. Acesso em: 06 mar. 2023.

AMARANTE, J. O latim no Brasil após a segunda metade do século XX e a emergência de novos materiais didáticos. In: CRAVO, C.; MARQUES, S. (org.). *O ensino das línguas clássicas: reflexões e experiências didáticas*. Coimbra/São Paulo: Universidade de Coimbra/Annablume, 2017. v. 1. p. 91-109.

ARIÈS, P. *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*. 2. ed. Lisboa: Teorema, 1989.

BASSETTO, B. F. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*. São Paulo: EdUSP, 2001.

BASTIANELLO, E. *Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)*. 2010. 169 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

BAYARD, J. P. *Sentido oculto dos ritos funerários: morrer é morrer?* São Paulo: Paulos, 1996.

BELLOMO, H. R. *Cemitérios do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

BERNAL, S. W. R. Análise dos usos e influências do latim na construção dos contos e romances de Machado de Assis. In: OLIVEIRA, R. O.; AMARANTE, J.; LAGES, L. (org.). *Anais do I Encontro de Estudos Clássicos da Bahia*. Salvador: UFBA, 2012. p. 192-198. Disponível em: <http://www.classicas.ufba.br/>. Acesso em: 08 mar. 2023.

BERNAL, S. W. R. *Machado de Assis e as representações em um Brasil do século XIX*. 2016. 128 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

BISCHOFF, P.; TEJADA, A.. Projeto de restauro de escultura religiosa de madeira policromada – crucifixo. In: BACHETINI, A. L.; BOJANOVSKI, S. F. (org.). *Anais da Semana dos Museus da UFPel*: 2020. Pelotas: UFPel, 2019. p. 167-175.

BORGES, M. E. *Arte Funerária no Brasil (1890-1930)*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.

BURKE, P. *A arte da conversação*. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

CAGNAT, R. *Cours d'épigraphie latine*. Paris: Albert Fontemoing Editeur, 1898.

CAMPOS, C. E. da C. Uma perspectiva metodológica para o estudo epigráfico: o caso de Sagunto no século I D.C. *Cadernos do LEPAARQ*, v. 12, n. 24, p. 212-222, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/5594>. Acesso em: 16 jun. 2021.

CATROGA, F. Recordar e comemorar: a raiz tanatológica dos ritos comemorativos. *Mimesis*, v. 23, n. 2, p. 13-47, 2002. Disponível em: https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v23_n2_2002_art_01.pdf. Acesso em: 22 set. 2019.

CORASSIN, M. L. O uso da escrita na epigrafia latina. *Classica*, v. 11/12, n. 11/12, p. 205-212, 1999. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/458>. Acesso em: 09 mar. 2023.

D'ENCARNAÇÃO, J. Epigrafia: As pedras que falam. *Espacio, Tiempo y Forma, Serie II, Historia Antigua*, v. 19-20, p. 553-556, 2006.

DINIZ, N. À procura do passado no presente: inscrições tumulares em latim no RS. In: *VIII Simpósio de História Antiga*, 8, 1999, Porto Alegre. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999. Disponível em: http://www.ufrgs.br/antiga/VIIISHA/najla_diniz.htm. Acesso em: 22 set. 2019.

ESQUINSANI, R. S. S.; ESQUINSANI, V. A. Está em promoção? O valor do latim no mercado dos bens simbólicos. *InterteXto*, v. 14, n. especial, p. 320-333, 2021. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/5633>. Acesso em: 08 mar. 2023.

ISMÉRIO, C. Preservando o patrimônio cultural dos cemitérios: estudo sobre os cemitérios de Porto Alegre e Bagé. *Revista Memória em Rede*, v. 5, n. 8, p. 1-15, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9464/6216>. Acesso em: 22 set. 2019.

ISMÉRIO, C. *Pequenos Detalhes de Bagé*. Bagé: Ediurcamp, 2019.

JULIÃO, D. O. N. *As inscrições latinas nos monumentos do Rio de Janeiro dos séculos XVIII e XIX*. 2018. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Rio de Janeiro, 2018.

JULIÃO, D. O. N. Um exemplo de memória a partir das inscrições latinas do Rio de Janeiro: o Chafariz das Marrecas. *Rónai*, v. 7, n. 1, p. 83-93, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/ronai/article/view/23289>. Acesso em: 09 mar. 2023.

JULIÃO, D. O. N. Algumas considerações sobre a presença da epigrafia em latim no Rio de Janeiro. *Laborhistórico*, v. 6, n. 2, p. 402-426, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/32307>. Acesso em: 06 mar. 2023.

LEITE, L. R.; CASTRO, M. B. O ensino de língua latina no Brasil: percurso e perspectivas. *Classica*, v. 27, n. 2, p. 53-77, 2014. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/226/254>. Acesso em: 22 set. 2019.

LORENZONI, H. de O. O eclético. In: XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação – SEPesq, 11, 2015, Canoas. *Anais da Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação – SEPesq*. Canoas: Centro Universitário Ritter dos Reis, 2015. Disponível em: https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/838/952.pdf. Acesso em: 22 set. 2019.

ORSER, C. *Introdução à arqueologia histórica*. Belo Horizonte: Oficina dos Livros, 1992.

PEREIRA, M. C. O Revivalismo medieval e a invenção do neogótico: sobre anacronismo e obsessões. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, 26, 2011, São Paulo. *Anais do Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011. p. 1-16. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300848807_ARQUIVO_MARIACRISTINAPEREIRA-anpuh-2011.pdf. Acesso em: 22 set. 2019.

PEREIRA, M. T. da S. *A celebração das exéquias: da memória à celebração da vida no ritual romano*. 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia) - Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2017.

PINHEIRO, M. L. Algumas considerações sobre o neogótico no Brasil. In: VALLE, A.; DAZZI C. (org.). *Oitocentos - Arte brasileira do Império à República*. Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010. p. 437-447.

PISSETTI, R. F.; SOUZA, C. F. Art déco e art nouveau: confluências. *Revista Imagem*, v. 1, n. 1, p. 17-24, 2011. Disponível em: http://revistaimagem.fsg.br/_arquivos/artigos/artigo72.pdf. Acesso em: 22 set. 2019.

SANTOS SOBRINHO, J. A. *Dois tempos da cultura escrita em latim no Brasil: o tempo da conservação e o tempo da produção*. 2013a. 313 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) - Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013a.

SANTOS SOBRINHO, J. A. O latim no Brasil na primeira metade do século XX: entre leis, discursos e disputas, uma disciplina em permanência. *PhaoS*, n. 13, p. 39-63, 2013b. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/phaos/article/view/4597>. Acesso em: 07 mar. 2023.

SANTOS SOBRINHO, J. A. O latim na literatura brasileira: enfeitar, impressionar, ridicularizar. *A Palo Seco*, n. 6, p. 74-85, 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/5141/pdf>. Acesso em: 08 mar. 2023.